



Conversas & Controvérsias



e-ISSN: 2178-5694

Revista de Graduação e Pós-Graduação em Ciências Sociais
Escola de Humanidades
Departamento de Ciências Sociais e
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

As bases da nova direita: estudo de caso do Movimento Brasil Livre na cidade de São Paulo (2013-2016)¹

The bases of the new right: a case study of the Movimento Brasil Livre in the city of São Paulo

Ederson Duda da Silva²

Resumo

O presente artigo é o resultado de pesquisas bibliográficas e de observação de campo realizada durante as manifestações em favor do impedimento de Dilma Rousseff. A finalidade deste artigo é compreender a formação de um movimento social de direita no Brasil, analisando os processos e as mudanças estruturais que impulsionaram a atuação do que veio a ser denominado como "nova direita". Para tal, utilizaremos os conceitos de repertório e performance de Charles Tilly. Entendemos que o que caracteriza esta nova direita hoje é a inovação em sua ação política, passando a assimilar novas táticas ao seu repertório patriota, como protestos de rua. Estudaremos especificamente o Movimento Brasil Livre (MBL), grupo que se destacou durante os protestos pró-impeachment, investigando sua atuação entre 2013 a 2016, resgatando o cenário em qual surgiu e se fortaleceu.

Palavras-chave: Movimento social; Nova direita; MBL; Repertório; Ação política.

Abstract

This article is the result of bibliographical research and field observation during the demonstrations in favor of Dilma Rousseff's disability. The purpose of this article is to understand the formation of a right-wing social movement in Brazil, analyzing the processes and structural changes that have driven the work of what has come to be called the "new right." We understand that what characterizes this new right today is the innovation in its political action, starting to assimilate new tactics to its patriotic repertoire, like street protests. We will specifically study the Free Brazil Movement (MBL), a group that stood out during the pro-impeachment protests, investigating its performance between 2013 to 2016, rescuing the scenario in which it emerged and was strengthened.

Keywords: Social movement; New right; MBL; Repertoire; Political action.

¹ A pesquisa foi realizada no programa PIVIC/FESPSP 2016/2017, sob orientação da Prof^a Dr^a Marta Bergamin e exposta no Seminário FESPSP "Incertezas do Trabalho", GT2, no dia 05 de out. de 2017 e no 1^o Simpósio Direitos Brasileiros, GT4, Seção 1, no dia 10 de novembro de 2017. A presente versão sofreu alterações do texto apresentado em ambos os seminários. Agradeço as sugestões recebidas.

² Discente da graduação em Sociologia e Política pela Escola de Sociologia de São Paulo (FESPSP). Agência de fomento: PIVIC/FESPSP. E-mail: dudadasilvae@gmail.com.



Introdução

As manifestações que pediram o impedimento da presidenta Dilma Rousseff, culminando com seu afastamento definitivo em 31 de agosto de 2016, evidenciaram o acirramento político iniciado em 2013, quando as manifestações inicialmente contra o aumento da passagem do transporte público transformaram-se em um descontentamento generalizado contra as instituições de representação. A partir das jornadas de junho de 2013, o debate sobre os “novos” movimentos sociais e suas formas de ação política ganhou cada vez mais espaço no debate acadêmico. Estudos como os de André Singer (2013) e Marcos Nobre (2013) buscaram, no calor do momento, analisar as possíveis causas do levante popular. Pablo Ortellado et al (2013) preocuparam-se com a investigação dos atores sociais em ação. Luciana Tatagiba (2014), dentre outros, analisou os ciclos de manifestações, enquanto Angela Alonso (2017) se propôs a interpretar os repertórios dos movimentos em ação. Se há um consenso possível entre esses estudos, é que o Brasil não seria o mesmo depois dessas manifestações.

Para os grupos à direita do espectro político, junho de 2013 significou uma janela de oportunidades. Grupos de oposição ao governo dos Partidos dos Trabalhadores (PT), setores da classe média afastada do jogo político, juntamente com outros indivíduos descontentes com os rumos do governo passaram a se articular e formaram uma aliança tácita involuntária, reivindicando o “fim da corrupção” e serviços públicos “padrão FIFA”. Entre 2013 e 2014, mais de 43 grupos de direita se formaram, atuando como um sistema-rede dentro da Aliança Nacional dos Movimentos Democráticos. Nessa confluência, cabe destaque ao Vem Pra Rua, Revoltados Online e o Movimento Brasil Livre³.

À primeira vista, o surgimento desses grupos levou a discussões sobre o avanço do conservadorismo na sociedade brasileira. Estudos sugeriram buscando compreender o aparecimento de uma “nova direita”. A pesquisa realizada por Pablo Ortellado e Esther Solano (2016) demonstrou que, apesar da seletividade antipetista, os manifestantes, contrariamente aos líderes dos movimentos, apresentavam uma insatisfação generalizada com o sistema político. Camila Rocha (2015) procurou entender as “direitas em rede”, investigando os *think thanks* na América Latina. Luciana Tatagiba et al (2015) reconstruiu o ciclo de manifestações de direita na sociedade brasileira nos anos 2000.

O escopo deste artigo está, de maneira geral, na compreensão dos movimentos sociais à direita do espectro político que se formaram a partir de 2013. Investigaremos especificamente o surgimento do MBL e suas ações na sociedade brasileira entre 2013 e 2016. Objetiva-se empreender um estudo que aborda sociologicamente os protestos de grupos de direita, realizando uma análise a partir dos conceitos de *repertório* e *performance* elaborados por Tilly (2008; 2010), no sentido de demonstrar as características sociais de determinado grupo (classe) enquanto construções históricas determinadas, voltadas para a mobilização e a ação política. Acreditamos que o “novo” na atuação política da direita hoje está no fato de

³ Para mais informações, ver: ALONSO, 2017; SINGER, 2013 e 2014; TATAGIBA et al, 2015.

utilizar do estilo de ativismo até então restrito à esquerda: protestos de rua e o ativismo digital. Para tal, inovam em seu repertório ao mesmo tempo em que mantém performances de ação política já constituída.

O artigo está dividido em quatro partes, tirando esta introdução e as considerações finais. Na primeira parte, reconstruiremos o cenário das jornadas de junho de 2013, investigando os processos e as possibilidades que surgiram em benefícios dos grupos de direita. Em seguida, analisaremos as características que nos permitem compreender a atuação da direita enquanto movimento social, assim como seu *repertório* de ação política como “movimento-rede”. Posteriormente buscaremos compreender o surgimento do Movimento Brasil Livre (MBL). O esforço para tal compreensão está no fato de que foi o grupo que colheu mais resultados, positivos e negativos, do processo de impedimento de Rousseff.

As jornadas de junho de 2013

É difícil pensar o processo de impedimento de Dilma Rousseff e o fenômeno da “nova direita” sem passarmos por junho de 2013. Como nos diz Vladimir Safatle (2013), uma sociedade quando passa por mobilizações populares como a jornada de junho de 2013 estará sempre marcada por ela. Naquela ocasião, o levante popular com suas pautas progressistas ganhou as ruas em uma reação em cadeia, obtendo uma grande vitória contra o aumento da tarifa do transporte público. Se inicialmente os protestos poderiam ser caracterizados como um movimento da nova esquerda, por meio de sua forma de organização descentralizada e por consenso (SINGER, 2013), hoje, com o passar do tempo, pode-se dizer que quem melhor obteve resultados foi uma nova direita⁴ que, por meio dos apelos contra a corrupção e da eficiência do Estado⁵, conseguiu formar uma frente única⁶ (SINGER, 2015) composta por frações da burguesia e setores da classe média⁷.

As manifestações de rua em junho de 2013 ocorreram em várias cidades brasileiras colocando o país no cenário mundial das multidões (HARDT; NEGRI, 2012) que passaram a

⁴Compreendemos o termo “nova direita” como os grupos que possuem pautas liberais e conservadoras e que contrariamente da direita tradicional (partidária) passaram a se organizar através de movimentos de ação política, contestatórios, tal como o MBL, VPR e Revoltado Online.

⁵ Eficiência no sentido neoliberal, com uma agenda de diminuição do papel do Estado no planejamento econômico e social em detrimento de uma maior importância do livre-mercado como marca de qualidade de gestão. Para Pierre Dardot e Christian Laval (2016) a lógica neoliberal acaba recorrendo à gestão empresarial para operar uma desativação sem precedentes do jogo democrático apoiado pela gramática da eficiência, impondo às sociedades modernas a entrada no que chamam de “era pós-democrática”.

⁶ Analisando as coalizões de classe durante o período Lulista (2003-2013), Singer (2015b) compreende que, no intuito de barrar o “ativismo estatal”, as diversas frações burguesas, da produtivista a financeira, com o apoio das classes médias, formaram uma frente única burguesa anti-desenvolvimentista a partir de 2012. Acreditamos que esta frente encontrou nas manifestações de junho de 2013 uma janela de oportunidade de barrar o avanço do “Estado desenvolvimentista” e do Lulismo na sociedade brasileira.

⁷ O conceito de classes médias que utilizamos baseia-se na perspectiva marxistas de análise de classes sociais, assim como formulada por Eric Olin Wright (1981) e Sávio Cavalcante (2012; 2015).

ocupar as ruas e praças a partir de 2011⁸. No Brasil, os protestos deixaram o país “de cabeça para baixo”, de certa maneira, suscitando mais perguntas do que respostas. Enquanto o mundo afora sentia o impacto da crise político-financeira de 2008, a sociedade brasileira passava por um período de estabilidade econômica, de maior inclusão social e avanços em escolaridade. Assim, ao contrário dos protestos do Occupy Wall Street e do 15M, nos quais as reivindicações giravam em torno do desemprego crescente e da perda de direitos do estado de bem-estar social, aqui as manifestações giravam entorno da ampliação de direitos sociais e serviços públicos de qualidade. Aparentemente, com a melhora na qualidade de vida, conquistada no período do primeiro e segundo governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a população brasileira passou a questionar sua participação cidadã (de forma consciente ou não) e os meios tradicionais do fazer política não deram conta de agregar essas novas pautas que estavam emergindo⁹. As aspirações de ascensão social acabaram aumentando mais do que era possível o Estado prover naquele momento, gerando insatisfação individual e coletiva¹⁰. A desconfiança em relação às instituições políticas e o sistema representativo¹¹ aumentaram, tendo como consequência a criação de novos espaços de politização. A partir de 2011, observa-se uma série de novos coletivos que passaram a se organizar de forma descentralizada e distribuída, de maneira apartidária e pelas redes sociais¹².

8 As jornadas de junho de 2013, de certa forma, fazem parte de um ciclo global de lutas e manifestações sociopolíticas que emergiram contra o capitalismo financeiro e a democracia representativa, cujos primeiros momentos foram às insurreições em Túnis e na Praça Tahrir, em dezembro de 2010 e janeiro de 2011, assim como nas ditas “primaveras árabes”, ao que se seguiram o chamado global do 15M (Espanha) e do Occupy Wall Street (EUA). Para mais sobre o movimento Occupy e as manifestações de junho ver: Singer 2013; Gohn 2014.

⁹Singer (2015a) observa que, em junho de 2013, 45% dos manifestantes possuíam renda familiar de até cinco salários mínimos, o que poderia demonstrar a presença inicialmente forte da nova classe trabalhadora, que ascendeu socialmente, nos protestos pela redução da tarifa do transporte público. Formada por uma agenda pós-materialista, esse estrato social passaria a ser alvo de disputa pela esquerda, com mais Estado, e pela direita, por mais mercado. Entendemos que o governo e setores próximos do PT ao caracterizar as manifestações de junho de 2013 como manifestações apenas da “classe média descontente”, não disputando as narrativas que estavam nas ruas, acabaram ajudando na aproximação da nova classe trabalhadora ao universo das classes médias, pois sua *prática* é sempre alvo de desejo de jovens que ascendem por meio da elevação educacional e da renda, identificando-se mais onde querem chegar do que de onde vêm.

10 Os dados da pesquisa realizada por Marcelo Neri durante as manifestações de junho de 2013 demonstraram que os brasileiros continuam sendo os que têm maior expectativa de satisfação com a vida num prazo de cinco anos. Assim, o alto nível de expectativas individuais pode ter um lado positivo, mas também acaba criando dificuldades, gerando frustrações com maior rapidez. Ao melhorar de vida, a “Nova Classe Média” passou a querer melhores serviços prestados pelo Estado, mas, ao não obter esses serviços, sua insatisfação passou a aumentar.

11 Segundo o Índice de Confiança Social (ICS), realizado em 2015 pelo IBOPE Inteligência, a confiança nas instituições sociais representativas apresentou relativa queda de credibilidade a partir de 2011, tendo uma pequena melhora em 2014, mas despencando de vez em 2015.

12 Dentre os mais marcantes podemos elencar: Churrasco da Gente Diferenciada (05/11), Marcha da Liberdade (05/11), Marcha das Vadias (06/11), Marcha Contra a Corrupção (09/11), Ocupa Sampa (10/11). Cabe assinalar ainda as mobilizações indígenas em torno das demarcações de terra e contra as construções das usinas de Belo Monte e Tápajos, entre 2012 e 2013.

As manifestações de junho de 2013 estão imersas nessa confluência de novas vontades/necessidades e novas formas de organização político-social. Tais manifestações não se enquadram nos manuais clássicos de análise, pois o que se apresentou foi um novo tipo de protesto que não segue a estrutura dos movimentos sociais tradicionais, partidos ou sindicatos.

O Movimento Passe Livre (MPL), de repertório autonomista (ALONSO, 2017), foi o grande responsável e protagonista pelo levante popular contra o aumento da passagem do transporte público, iniciado na cidade de São Paulo e que se espalharia rapidamente por todo o Brasil. O Passe Livre ficou marcado pelas deliberações por consenso, pela descentralização nas decisões, lideranças distribuídas (NUNES, 2016) e não-hierarquia de gênero. O Movimento esteve à frente dos acontecimentos de junho de 2013 do primeiro ato, no dia 06, até o protesto do dia 17 daquele mês. A redução da tarifa em São Paulo veio no dia 19. Mas naquele momento o protesto tinha ganhando dimensões que ninguém imaginava, ficando fora do controle, que nos atos dos dias 18, 19 e 20 viu a manifestação se transformar em revolta popular com uma polissemia de pautas. Mantendo-se coerente com seus princípios o Passe Livre se recusou a impor o caminho dos protestos após a redução da tarifa, optando pelo recuo tático, se retirando da linha de frente das manifestações. Visões antagônicas à do Passe Livre ganharam cada vez mais espaço e passaram a direcionar o sentido das manifestações em um caminho que tenderia cada vez mais para a direita do espectro político com a emergência de pautas do campo conservador¹³ e liberal.

Novos atores surgiram colocando em debate demandas variadas. A manifestação pela revogação da tarifa do transporte público transformou-se numa revolta plural. Naquele momento, a polarização política na sociedade brasileira ganhou um novo capítulo em sua história, que ficaria evidente no dia 20 de junho na Avenida Paulista, quando grupos neofacistas¹⁴ e manifestantes vestidos de verde e amarelo, guiados pelo patriotismo, passaram a pautar a “luta contra a corrupção”, expulsando os manifestantes que vestiam vermelho (associando-os ao PT), assim como o próprio Passe Livre do ato.

Arnaldo Jabor¹⁵, que havia criticado a manifestação do dia 12 de junho, classificando-a como um ato de “revoltosos da classe média”, mudou de opinião no dia 17¹⁶, reconhecendo

13 No dia 20 de junho, conforme pesquisa realizada pelo Datafolha durante a manifestação na Av. Paulista, 50% dos manifestantes disseram protestar contra a corrupção, 32% contra o aumento da passagem, 27% contra os políticos e 16% contra a PEC 37.

14 Conforme um dos integrantes do MPL, grupos conservadores e “neofacistas” se infiltraram na manifestação defendendo propostas que não estavam de acordo com os princípios do Movimento. Ver: KREPP, Ana. MPL acusa onda conservadora e desiste de novas manifestações. **Folha de São Paulo**, 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298903-mpl-suspende-novas-manifestacoes-em-sao-paulo.shtml>>. Acesso em: 18 de julho de 2017.

15 A cobertura enviesada da grande mídia pode ter contribuído para a virada discursiva que se observa nas manifestações depois do dia 13 de junho de 2013 – a conhecida “quinta-feira sangrenta” (ORTELLADO, P, et al; 2013).

16 Ver: ARNALDO JABOR fala sobre novos protestos e ressalta força da juventude. **Globo Play**. 17 de junho de 2013. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2631566/<& 17/06/2013 <http://g1.globo.com/jornal->

as manifestações como legítimas dentro da democracia, passando a pautar a PEC 37¹⁷ como uma proposta concreta a ser defendida nas ruas. Setores da classe média que já orbitavam na luta contra a corrupção¹⁸, mas que até então não tinham conseguido emplacar suas reivindicações nas ruas, encontraram uma oportunidade de colocá-las em pauta e tomaram a manifestação de assalto. O gigante tinha acordado e a variedade de reivindicações observadas nos cartazes dava uma conotação diferente aos protestos. Uma nova direita se formava levando às ruas pautas como o fim da PEC 37, o fim do Programa Mais Médico¹⁹, contra a corrupção e pela eficiência do Estado, dentre outras.

Assim, a partir de junho de 2013 demandas de cunho liberal e conservadoras, como redução da maioria penal²⁰ e a "cura gay"²¹, passaram a ficar mais frequentes no debate público. A imposição das pautas de direita tomou aos poucos a forma de radicalização, em

da-globo/videos/t/edicoes/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-novos-protestos-e-ressalta-forca-da-juventude/2640269/>. Acesso em: 18 de julho de 2017.

17 Proposta de Emenda Parlamentar que buscou acrescentar o § 10 ao Art. 144 da Constituição Federal para definir a competência para a investigação criminal pela polícia federal e civil dos Estados e do Distrito Federal. A PEC foi rejeitada pela Câmara dos Deputados e arquivada no dia 25 de junho de 2013 devido às manifestações contrárias em todo o Brasil. No dia 22 de junho uma manifestação contra a PEC 37 levou 30 mil paulistanos a protestar na Av. Paulista. Segundo matéria do Último Segundo, a maioria dos manifestantes associavam a PEC 37 a luta contra corrupção. Ver: QUADROS, Vasconcelos. PEC 37 ganha às ruas, mas poucos sabem o que é. **Último Segundo**, 24 de jun de 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-06-23/pec-37-ganha-as-ruas-mas-poucos-sabem-o-que-e.html>>. Acesso em: 26 de julho de 2017.

18 Em 2007, na esteira do "Mensalão", surge o primeiro protesto contra a corrupção dos governos do PT organizado por setores da classe média tradicional e da burguesia. O protesto foi convocado pelo Movimento Cívico pelo Direito dos Brasileiros, que ficou conhecido como Movimento Cansei, que teve como articuladores o atual prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB), a FIESP e a OAB-SP. O protesto ficou caracterizado por ser "apartidário" e teve como palavras de ordem o "Fora Lula" e o "Fora PT", passando a associar a luta contra a corrupção à luta contra o PT, codificando um discurso de linguagem que ganharia corpo e aderência a partir de 2013.

19 O Programa Mais Médicos prevê a contratação de profissionais estrangeiros para trabalhar nas periferias e no interior do país, assim como os estudantes de medicina teriam que atuar por dois anos no Sistema Único de Saúde (SUS). Em julho de 2013 a Federação Nacional dos Médicos (Fenam), e a categoria no geral, articularam uma série de protestos em mais de 12 Estados contra o programa federal. Os protestos ficaram marcados pela rejeição aos médicos cubanos. Ver: MÉDICOS estrangeiros são recebidos com protestos de médicos do Ceará. **G1 CE**. 28 de ago de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/08/medicos-estrangeiros-sao-recebidos-com-protestos-com-medicos-do-ce.html>>. Acesso em: 26 de julho de 2017.

20 Segundo o Datafolha, em pesquisa realizada em abril de 2013, 93% dos paulistanos eram a favor da redução da maioria penal de 18 para 16. Ver: 93% DOS PAULISTANOS querem redução da maioria penal. **Folha de São Paulo**. 17 de abr de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/04/1263937-93-dos-paulistanos-querem-reducao-da-maioridade-penal.shtml>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

21 O Projeto de Decreto Legislativo PDC 234/11 de autoria do Dep. Federal João Campos (PSDB-GO), conhecido como "cura gay", altera resoluções do Conselho Federal de Psicologia, que proíbe que profissionais participem de terapias para alterar a identidade sexual do paciente ou que tratem a homossexualidade como doença, foi aprovada em votação simbólica na Comissão de Direitos Humanos da Câmara no dia 18 de junho de 2013, e arquivada no dia 07 de julho de 2013. Ver: MELO, Débora. Câmara dos Deputados aprova arquivamento da 'cura gay'. **Notícias Uol**, 02 de set de 2013. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/07/02/camara-aprova-requerimento-de-autor-da-cura-gay-e-retira-proposta-da-pauta.htm>>. Acesso em: 26 de julho de 2017.

que ideias diferentes das colocadas por esses manifestantes não eram aceitas. Enquanto a esquerda, que até então tinha o monopólio das ruas, recuava e as pautas progressistas perdiam o protagonismo (MARTINS; CORDEIRO, 2014), a direita assumia cada vez mais seu papel na trama.

O campo da direita²² passou a se organizar para além da política tradicional, ocupando cada vez mais espaço no debate político-econômico através das redes sociais da internet e das ruas. As ideias neoliberais e o conservadorismo se fortaleceram buscando romper com o progressismo da última década, apoiadas em práticas e ações que visam o anti-direitos trabalhistas e sociais, anti-mulheres e anti-minorias, expresso nos avanços sociais da década Lulista.

Movimento social de direita e repertório patriota

A ascensão do conservadorismo e das ideias à direita do espectro político nos últimos anos não é uma singularidade brasileira, mas um processo de certa forma global. Essa nova direita, no entanto, não deve ser vista como um fenômeno homogêneo, mas compreendida dentro das peculiaridades, do contexto histórico e da realidade concreta de cada país. No contexto brasileiro, entendemos que a nova direita se apresenta menos como uma questão de novidade e mais pela sua capacidade de força política e de atuação diversificada. Em estudo recente, os pesquisadores Adriano Codato, Bruno Bolognesi e Karolina Mattos Roeder (2015) demonstraram o aumento, a penetração social e a força eleitoral dos novos partidos de direita na cena nacional²³. O estudo indica o surgimento de uma nova direita como corrente partidária e como bancada parlamentar no Brasil – que depois de uma queda constante no número de representantes na Câmara dos Deputados desde 1998 voltou a crescer a partir de 2010, quando os partidos conservadores ganharam 36,3% das cadeiras; em 2014 conquistaram 43,5% (CODATO;BOLOGNESI; ROEDER, 2015, p. 115). Apesar desse fato, acreditamos que a característica principal da nova direita hoje não está em sua atuação partidária, mas sim em sua atuação enquanto movimento social, apresentando um programa político de caráter neoliberal e conservador de mudança para o país.

Compreendemos que a própria definição de movimento social de direita é algo que poderá trazer novas discussões, pois se trata de tema recente, o que traz algumas dificuldades de análise. A fim de construir uma interpretação sobre o surgimento e fortalecimento de um movimento de direita na sociedade brasileira, que teve seu ápice no processo de impedimento de Dilma Rousseff, em 2016, utilizaremos o conceito de *repertórios e performances* de ação

²² Como “campo de direita” compreendemos grupos e pessoas próximas ao pensamento do liberalismo e conservadorismo e que teriam apoiado a candidatura de Aécio Neves (PSDB) em 2014 e participaram de alguma maneira do processo de impedimento de Dilma Rousseff entre 2015 e 2016.

²³ Os autores elencam como partidos da “nova direita brasileira” o PSD (Partido Social Democrata), liderado por Gilberto Kassab, o PSC (Partido Social Cristão), o DEM (Democrata, antigo PFL), e o PP (Partido Progressista, antigo PPB), partidos que teriam surgidos nos anos 2000 dando fôlego para o campo da direita num contexto de hegemonia de centro-esquerda (2015, p. 122-4).

política elaborado por Charles Tilly, que procurou compreender a formação de movimentos sociais²⁴ através da Teoria do Confronto Político. Para Tilly, o repertório dos movimentos sociais poderia ser definido como:

Um esforço público sustentado de elaboração de reivindicações coletivas direcionadas a determinadas autoridades (esforço que pode ser chamado de campanha); O emprego de combinações dentre as seguintes formas de ação política: criação de associações e coalizões para finalidades específicas, reuniões públicas, desfiles solenes, vigílias, comícios, demonstrações, iniciativas reivindicatórias, declarações para e nos meios de comunicação de massa, e panfletagem (TILLY, 2010, p. 106-7).

Um repertório seria as formas de ação coletiva que determinado grupo social aprende fazendo reivindicações, funcionando, por vezes, como uma caixa de ferramentas que os atores adquirem e reproduzem culturalmente em determinado tempo e lugar, porém de forma limitada. Ainda, ao fazerem reivindicações coletivas através de interações contestatórias em dado contexto histórico e político os atores e grupos sociais acabam por estabelecer estratégias de ação política que, por sua vez, sofrem mutações possibilitando novas formas e novos repertórios de mobilização e protesto (TILLY, 2010).

O repertório pode ser caracterizado pelo conjunto de formas de ação, que muda por “estandardização” ou “rotinização” e que “pertencem a atores em conflito”, numa “interação entre duas ou mais partes” (TILLY apud ALONSO, 2012, p. 25). Ele pode ser compreendido como uma “linguagem, estrutural e estruturante”, como o “conhecimento social sedimentado, ‘entendimentos, memórias e acordos compartilhados’, ‘relações sociais, significados e ações amalgamadas em padrões conhecidos e recorrentes’” (TILLY apud ALONSO, 2012, p. 25).

Tilly procura compreender o surgimento e o desenvolvimento de mobilizações coletivas priorizando o contexto político, as estruturas de oportunidades e as ameaças políticas entre forças de autoridade e os desafiantes. Para que um movimento social se consolide, aproveitando a janela de oportunidades criada em determinado contexto, “os desafiantes teriam de criar ou se apropriar de estruturas de mobilização preexistentes, como associações e redes de relacionamento, que dessem as bases organizacionais para a movimentação” (ALONSO, 2012, p. 22).

Ora, quando procuramos observar os grupos e movimentos de direita que emergiram no cenário político brasileiro pós-2013 nota-se uma direita menos convencional e que passa a assumir formas de atuação até então restritas aos grupos e movimentos à esquerda. Com a janela de oportunidade aberta durante as jornadas de junho de 2013, o campo da direita passa a se reorganizar resignificando símbolos da esquerda, assimilando táticas de ação políticas e

²⁴ O conceito de movimento social aqui utilizado vai de encontro com a elaboração de Gonh (2011), para qual são “fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes” com caráter político-social cuja articulação se forja na prática cotidiana, em determinada conjuntura política, e que constrói suas representações simbólicas através do discurso e da prática.

utilizando as redes sociais da internet e protestos de rua a fim de colocar em disputa suas demandas e visões de mundo.

Assim, o

ciclo de 2013 gerou uma ‘conjuntura fluida’, situação de incerteza estrutural, na qual padrões rotineiros de orientação da conduta política se dissolveram, clivagens usuais esmaeceram e novas conexões, entre setores sociais distantes entre si no espaço social, ganharam expressão política (ALONSO, 2017, p. 53).

O movimento de direita que surge neste contexto é composto principalmente por setores da classe média (o que não determina o movimento como um todo homogêneo de classe média) que estariam ausentes do jogo político-partidário, não sendo contemplados diretamente pelas políticas públicas do período petista (SINGER, 2013).

O repertório desse movimento, como aponta Angela Alonso (2017), é o patriota. Repertório que esteve presente em vários momentos da ação política da direita na história brasileira. Nele misturam e encontram-se *performances* diversas, como o nacionalismo, o liberal-conservadorismo e o moralismo, carregado aqui pelo discurso da ética na política e da luta contra a corrupção²⁵.

Conforme Tilly (2008), o repertório seria composto por um conjunto de performances, que seria a unidade dentro do repertório, mais especificamente, seria o improvisado, a capacidade dos atores de inovar e modificar suas ações inserindo-as ao contexto atual da sociedade a partir do confronto político. A performance, portanto, são as práticas confrontacionais que dão corpo ao repertório.

É preciso entender o repertório como sendo histórico e relacional ao mesmo tempo em que compreendemos como ao atores selecionam e modificam as performances para ajustá-las a programas e circunstância locais, delimitando os meios pelos quais as pessoas se engajam em confrontos políticos (ALONSO, 2012). Dentro do repertório patriota utilizado pelo movimento de direita, o que vemos é o uso da corrupção enquanto narrativa confrontacional principal, que tem como característica atrair setores populares e polarizar o descontentamento das camadas médias. Devemos compreender a luta anticorrupção dos movimentos de direita não apenas como uma “indignação”, mas como uma prática de luta da direita, uma *performance* dentro de um “conjunto de formas de ação” em uma “estrutura de conflito” (TILLY, 2010).

²⁵De certo modo, e a isso caberia uma investigação mais minuciosa, o que não foi possível na presente pesquisa, podemos dizer que há certa ligação dos *repertórios* e *performances* desta “nova direita” hoje com o que Benevides (1980) classificou como udenismo. Segundo a autora o udenismo pode ser “entendido como o conjunto de ‘ideologias’ e práticas políticas que poderiam extrapolar os limites institucionais da UDN (o partido político) mas com ela se identificavam, no reconhecimento público e num circuito simbólico de mútua realimentação”. As práticas políticas ocorriam segundo tais aspectos: o liberalismo, o elitismo, o bacharelismo e o moralismo na política. Assim, o udenismo se configuraria por meio de grupos sociais com práticas políticas que visavam a ação política reivindicatória.

A direita já havia radicalizado seu discurso contra a corrupção durante o governo Luiz Inácio Lula da Silva, a partir de 2005, com o surgimento do Mensalão. O cenário econômico positivo e a baixa adesão popular fizeram com que a oposição não tivesse grande sucesso naquele momento.

O tema volta à cena política no final de 2012, com o julgamento de 38 réus do “escândalo”, no Supremo Tribunal Federal. Em junho de 2013, durante os protestos, a indignação contra a corrupção ganha força. Segundo o Datafolha, no dia 20, 50% dos manifestantes disseram protestar contra a corrupção. A tônica dos protestos à direita estava centrada nos ataques à corrupção dos governos petistas e suas consequências, como a inflação, o alto custo de vida e a melhoria dos serviços públicos, como transporte, saúde e educação. Os problemas advindos dos serviços públicos estariam ligados à falta de eficiência do Estado e de seus governantes, que seriam corruptos.

Por mais que a posição dos manifestantes presentes nos protestos contra a presidenta Dilma Rousseff fosse divergente à posição dos líderes dos grupos e movimentos de direita, como demonstraram Pablo Ortellado e Esther Solano (2015), o que ficou evidente nessas manifestações era a luta anticorrupção. Ainda que setores da classe média se posicionem a favor da universalização dos serviços públicos²⁶ não podemos perder de vista que interesses de classe também estavam em jogo, e que os governos petistas, de certa forma, simbolizavam a ascensão das classes populares ao mercado de consumo, colocando em questão a própria existência das classes médias já estabelecidas.

O ascetismo tático da luta contra corrupção se torna via direta e indireta do ataque ao petismo, somando-se ao compromisso da moralização da política e da defesa da “meritocracia” por setores de classe média – assim como ocorreu com Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, João Goulart. Para além de “uma resposta contra o patrimonialismo que percorre a cultura política brasileira”, marcada por uma geração de “novos atores pós-Constituição de 1988 que rejeitam em bloco todo sistema” (PINTO NETO, 2017: 117), o que podemos notar no repertório patriota utilizado pelos grupos à direita é a sua aversão ao Estado desenvolvimentista e o medo da “revolução socialista” (SINGER, 2015). Os setores burocratas e tecnocratas das classes médias quando sentem que seu controle sobre as dinâmicas de dominação sócio-política estava ameaçado, passam a atuar como uma *máquina de reversibilidade*²⁷, no intuito de reverter o modelo de Estado que possibilitou a ascensão dos estratos de baixa renda à lógica competitiva do mercado de consumo. Não é negar o debate

26 Como Ortellado e Solano (2015) procuraram mostrar em pesquisa realizada.

27 O conceito de “máquina de reversibilidade” foi desenvolvido por Renato Sztutman para tratar das sociedades indígenas das terras baixas da América do Sul que operariam no sentido de impedir a constituição de centros de poder político, a formação do Estado único. Ver em: SZTUTMAN, R. **O Profeta e o Principal**: a ação política ameríndia e seus personagens. Utilizo o conceito em contexto diferente do utilizado por Sztutman, portanto, de forma livre, eximindo-o de qualquer responsabilidade interpretativa. Acredito que o conceito nos ajuda a compreender a atuação da classe média tradicional na sociedade brasileira, necessitando de maior consistência com o tempo e as críticas para validade heurística.

se houve ou não corrupção durante os governos petistas, mas é compreender, por meio da análise histórica e de situações concretas, como a direita, mas especificamente, os líderes dos movimentos de direita, se utilizam das pautas anticorrupção como forma de ação política. Se os protestos pró-impedimento foram movidos principalmente pela luta contra a corrupção e “contra o patrimonialismo”, após o afastamento de Dilma Rousseff fica claro que o que houve não foi o fim da corrupção e das relações entre público x privado, mas sim a reversão de diversas políticas sociais ao estado anterior do petismo na presidência. Desse modo, os movimentos de direita encontram na luta contra a corrupção uma maneira de adesão e unidade popular como forma de ética e limpeza na política, quando, por vezes, os seus interesses são outros, colocar seu projeto político em voga.

A atuação da direita enquanto movimento-rede

Por mais que o repertório de um grupo seja limitado, assim como a capacidade de inovação dos atores, ele ocorre por meio de um conjunto de performances de interações que acabam sobrevivendo como “tradição ou memória política”, ganhando vida apenas quando as “interações presentes se valem delas” por meio das “novidades” bem-sucedidas, que normalmente são “emprestadas” por outros atores em circunstâncias diferentes (ALONSO, 2012). Os grupos que enxergaram junho de 2013 como uma janela de oportunidades acabaram assimilando repertórios de ação política dos movimentos de esquerda, inovando em sua forma de ação enquanto oposição, que até então estava restrita à disputa parlamentar. Passam, assim, a atuar como movimentos sociais, convocando protestos de rua com demandas específicas e de forma articulada. Esse movimento acabou agregando no mesmo espaço uma série de grupos e atores com visões de mundo variadas, mas que estão ligados principalmente pelas pautas anticorrupção e pelo antipetismo, que se transformam quase em sinônimos.

A atuação em conjunto de grupos tão díspares e plurais, como o Vem Pra Rua (VPR), Revoltados Online e o Movimento Brasil Livre (MBL), e outros 43 grupos, no mesmo espaço, formando uma aliança tácita involuntária, pode ser entendida por meio da configuração de um “movimento-rede” (NUNES, 2016). Os movimentos-rede seriam formas organizativas dotadas de capacidade de expansão indefinida, possuindo flexibilidade e isomorfismo, adequando novas formas de organização e reivindicação a sua ação política (NUNES, 2016).

Perceber a atuação da direita enquanto um movimento-rede – como um movimento mais amplo – possibilita compreender a inovação desse campo como oposição. Pois, o que se observa nos movimentos de direita hoje é uma maior elasticidade e “descentralização” na sua estrutura de mando, ou seja, as decisões sobre os rumos do movimento não estão necessariamente concentradas, o que não quer dizer que não haja lideranças, mas sim que elas se apresentam “distribuídas” (NUNES, 2016), o que permite ao movimento maior flexibilidade e resistência.

Assim, apesar de possuir ligação com partidos liberais e conservadores tradicionais²⁸, a nova direita surge como um fenômeno na sociedade brasileira por ter diversificado seu campo de atuação, deixando de atuar apenas no campo parlamentar, ou seja, através de partidos políticos, passando a assimilar repertórios de ação política do campo da esquerda, inovando e se adaptando na medida em que competem por vantagens ou apoiadores.

A nova direita e o movimento Brasil Livre

Durante a campanha eleitoral para a presidência da República em 2014, um grupo de jovens da cidade de São Paulo começou, através da internet e das redes sociais²⁹, a articular e trabalhar em busca de impulsionar a campanha de Aécio Neves (PSDB), então candidato da oposição. O intuito do grupo era o fim do que denominavam “a Era Lulopetismo” e a moralização da política. No entanto, mesmo com a intensa mobilização, a petista Dilma Rousseff foi reeleita com 51,6% dos votos contra 48,3% de Aécio Neves, no segundo turno.

A vitória foi apertada, o que evidenciou a polarização política iniciada um ano antes. Movimentos à direita passaram então a organizar uma série de manifestações com a intenção de afastar a presidenta recém-eleita. O primeiro protesto contra Rousseff ocorreu no dia 1 de novembro de 2014, uma semana após o término da eleição. O movimento de oposição ao governo petista foi crescendo, ganhando novos adeptos, culminando em seu afastamento definitivo no dia 31 de agosto de 2016, colocando em debate a ascensão do conservadorismo e a formação de uma “nova direita” na sociedade brasileira.

Os movimentos de direita se fortalecem no vácuo deixado pela esquerda em junho de 2013. Com o recuo do Movimento Passe Livre e do campo da esquerda, assim com os limites do projeto petista, setores à direita ganharam espaço e passaram a colocar em disputa uma nova hegemonia política. Seu diferencial passou a ser os protestos de rua.

Em 15 de novembro, conseguem levar 10 mil pessoas para a Avenida Paulista. Motivado pelo andamento da operação Lava-Jato, o protesto tem como tônica a corrupção, com palavras de ordem como “Lula, pai do Mensalão”, “Dilma, mãe do Petrolão”, a defesa do juiz Sergio Moro e da Operação Lava-Jato, assim como pedidos de afastamento, renúncia e impedimento de Dilma Rousseff.

Fica evidente, desse modo, que o movimento da nova direita emergiu no próprio processo de oposição ao Governo do PT. Para Charles Tilly, o movimento social surge e se define a partir de características historicamente específicas, combinando três elementos, a saber:

²⁸ Aqui, entendemos como partidos liberais e conservadores tradicionais o DEM (Democratas), o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o PP (Partido Progressista) e o PSC (Partido Social Cristão), que de certo modo, se enquadram como partidos que possuem ligação com a ditadura militar, a defesa da não intervenção do Estado na economia e a defesa do moralismo e bons costumes da família tradicional.

²⁹ Ver: Fábio Malini (2016) e aPública. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>. Acesso: em 08 de setembro de 2017.

1) campanhas de reivindicações coletivas dirigidas a autoridades-alvo; 2) um conjunto de empreendimentos reivindicativos, incluindo associações com finalidades específicas, reuniões públicas, declarações à imprensa e demonstrações; 3) representações públicas de valor, unidade, números e comprometimento referentes à causa (TILLY, 2010, p. 142).

Já para Ilse Scherer-Warren (2014)

(...) os movimentos sociais organizados tem por característica a continuidade temporal, programa político definido ou em construção, confluindo em um projeto político ou utopia de mudança social, política e cultural. Usam periodicamente recursos das manifestações públicas para reivindicações e protestos específicos (SCHERER-WARREN, 2014, p. 15).

Entendemos que hoje existe um movimento social de direita que atua tanto dentro dos parâmetros apontados por Scherer-Warren³⁰, como na definição estipulada por Tilly. Por mais heterogêneo e plural que seja o movimento-rede que atuou no processo de impedimento de Rousseff, procuraremos compreender o surgimento e a atuação especificamente do Movimento Brasil Livre (MBL), pois acreditamos que foi o grupo que melhor capitalizou o bônus e ônus pelo afastamento da petista.

Seu repertório patriota engloba tanto o patriotismo, o liberal-conservadorismo quanto o moralismo, utilizando estes recursos dependendo da ocasião e do contexto. Agem, portanto, de forma maleável e fluída.

O Movimento surge primeiramente como página no *Facebook* no dia 17 de junho de 2013, no protesto que mudaria os rumos do levante popular. Conforme Juliano Torres, diretor executivo do Estudantes Pela Liberdade³¹ (EPL), o MBL³² foi “uma marca criada pelo EPL para participar das manifestações de rua sem comprometer as organizações americanas que são impedidas de doar recursos para ativistas políticos pela legislação da receita americana (IRS)³³”. Analisando a página do *Facebook* do MBL, observa-se que o primeiro ato convocado ocorreu no dia 20 de junho de 2013, uma “Manifestação pela Desestatização do Transporte

30 Conforme as características elencadas por Scherer-Warren, o MBL, para além da continuidade temporal, possui um projeto político de mudança social definido e construído em seu 1º Congresso³⁰, realizado em dezembro de 2015, onde estipularam às diretrizes que deveriam seguir dali em diante. Ademais, utilizam os recursos das redes sociais da internet para convocar manifestações públicas e protestos de rua para a efetividade de suas demandas.

31 O EPL foi fundado e organizado por Juliano Gomes, Fábio Ostermann e Anthony Ling com a missão de “[d]esenvolver estudantes ao seu potencial máximo de liderança” para que estes sejam “agentes de transformação da sociedade, sendo uma versão do thikthank conservador estadunidense Students for Liberty, caracterizados como libertários e antipopulistas. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>&<<http://www.epl.org.br/sobre/>> Acesso em: 08 de maio de 2017.

32 A ideia inicial era utilizar o MBL para colher assinaturas para um novo partido, que posteriormente Torres ajudou a fundar, o Partido “NOVO”. Hoje Torres desligou-se do MBL.

33 Disponível em: <<http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em: 08 de setembro de 2015.

construir uma nova hegemonia política para se contrapor a esquerda brasileira³⁸. Seus principais membros são das classes médias: empresários, profissionais dos meios de comunicação, intelectuais, acadêmicos, universitários etc. – por vezes, as mesmas pessoas atuam em mais de um instituto. Um dos principais objetivos desses “*think tanks* ativistas” é fazer circular o ideário liberal e da eficiência do mercado – contra o Estado grande e corrupto – nos meios de comunicação e formadores de opinião, assim como o de adentrar os espaços universitários como forma de aproximar os jovens com as ideias da direita, valorizando a disputa hegemônica na sociedade dentro dos limites da democracia (ROCHA, 2015).

É através das redes sociais da internet que o MBL tem buscado disputar a opinião pública, baseando-se no anti-petismo e no Estado corrupto, defendendo privatizações e o livre-mercado. O advento da internet e sua popularização têm incentivado a participação e a articulação de opiniões diversas. Sergio Amadeu da Silveira observa que a partir de 2013 a “internet se consolidou como espaço de disputa política e plataforma de mobilização” (2015, p. 223). As redes digitais possibilitaram que novas lideranças se articulassem e disputassem as visões de mundo na sociedade, e à esquerda têm sido menos eficiente do que a direita em articular e disputar o senso comum presente nas redes sociais³⁹.

Na sociedade contemporânea, a internet tornou-se um espaço de disputa de poder. As redes sociais digitais acabam sendo um pilar fundamental para as novas formas de organizações e movimentos sociais, pois apresentam uma dinâmica que se inicia em redes da internet, vai para as ruas, volta para as redes da internet, retorna às ruas e permanece vivo nas redes da internet (CASTELLS, 2013). As redes sociais tiraram o véu que limitava a atuação da direita, que passaram a agir na internet sem vergonha de declararem e assumirem discursos neoliberais e conservadores.

Cabe notar que foi durante a disputa eleitoral de 2014 que o ativismo do MBL, apoiado pelos *think tanks*, aflorou nas redes sociais e na sociedade brasileira. Mesmo não declarando seu apoio ao candidato tucano Aécio Neves, o MBL atuou nas redes sociais buscando a desconstrução do PT por meio de *memes*⁴⁰ que dialogassem com o senso comum baseados em deslegitimar o pensamento de esquerda.

O MBL, para além da disputa da hegemonia neoliberal, mobiliza suas ações entorno do pensamento e discurso conservador. As características discursivas desse movimento são as pautas ligadas a corrupção, ao punitivismo, rejeição às políticas públicas de mobilidade social,

38 Neste período observa-se a fundação do Instituto Millenium (2007), do Instituto Ordem Livre (2007), do Instituto Mises Brasil (2007), do Estudantes Pela Liberdade (2012) dentre outros, que se associam aos *thik thanks* já existentes.

39 Para Silveira (2015, p. 223) a direita cresceu compartilhando reportagens da Revista Veja, textos de Olavo de Carvalho, discursos de Jair Bolsonaro, notícias contra a corrupção do PT combinadas às críticas contundentes às políticas sociais do governo Lula, criando uma narrativa coesa entre vários estratos sociais presentes nas redes sociais. Ver também Malini (2016).

40 Conforme Silveira (2015) podemos dizer que foram organizados três tipos de *memes* nas redes sociais em oposição às ideias da esquerda: i) baseados na ideia de que a esquerda trouxe a corrupção como prática de governo; ii) na ideia de que as políticas públicas dos governos petistas são para pobres que não querem trabalhar; iii) os direitos humanos são para que os criminosos continuem impunes.

contra políticas de minorias, a favor da “escola sem partido” etc. Esses discursos orbitam e se encontram no antipetismo, que dá coerência e identidade coletiva a este movimento (ORTELLADO; SOLANO; MORETTO, 2017).

As redes sociais é o meio pelo qual o MBL se articula e se comunica. O *Facebook* tem sido sua ferramenta principal, plataforma onde interagem com milhões de pessoas de forma assimétrica, vertical e dialética (ou seja, eles influenciam o debate e a opinião pública, mas dependem de seus seguidores para se projetar. Com isso, por mais que tenham pautas e diretrizes definidas, o MBL acaba sendo muito “dependente” do *feedback* dos membros de sua página, sendo influenciado por esses e passando a pautar demandas que não eram suas originalmente. Isso pode ajudar a explicar como o MBL foi se aproximando mais do campo conservador em ralação ao liberal - onde orbitava inicialmente -, pois, dependendo dos seus seguidores do *Facebook* para se projetar nacionalmente acaba sendo suscetível a pautas do senso comum – já que seus seguidores são diversificados –, que por vezes tendem a serem mais conservadoras⁴¹), abarcando setores heterogêneos da sociedade.

Conclusões

Com a janela de oportunidades aberta em junho de 2013, e o refluxo dos movimentos de esquerda, grupos de direita passaram a reorganizar a indignação popular pautando a corrupção. O repertório patriota ganha força e a direita inova atuando de modo não convencional, ou seja, por meio de protestos de rua, assimilando repertórios já existentes a sua ação política. Os líderes dos movimentos de direita se aproveitaram para moldar e explorar politicamente a insatisfação, cada vez mais crescente, contra o sistema político e principalmente contra o PT.

A investigação do período 2013-2016 revela um crescente quadro de polarização política na sociedade brasileira, com o fortalecimento da direita e a retirada de direitos sociais. Já a luta anticorrupção perdeu força depois do afastamento definitivo de Dilma Rousseff. Os protestos convocados pelos grupos de direita, nos dias 04 de dezembro de 2016 e 26 de março de 2017, contra a corrupção no governo Michel Temer e em defesa da Lava-Jato não tiveram a mesma força. A razão principal era a mudança de rota dos líderes do movimento, que divergiam sobre as pautas e os sentidos do ataque ao governo federal, predominando as reformas neoliberais.

O Movimento Brasil Livre continuou firme com a sua agenda neoliberal e conservadora, fazendo campanha aberta a favor da PEC do teto do gasto, que estabelece um limite aos gastos públicos durante 20 anos, assim como da reforma trabalhista e previdenciária. Contrariamente

41 Devo tais observações a Márcio Moretto Ribeiro, que vem trabalhando no “Monitor do debate político no meio digital” analisando os debates que ocorrem no *Facebook*. Para mais ver também Pablo Ortellado em: ORTELLADO, Pablo. Polêmico no MAM não é sobre arte e não é sobre pedofilia. **Folha de São Paulo**. 04 de setembro de 2018. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/10/1923624-polemica-no-mam-nao-e-sobre-arte-e-nao-e-sobre-pedofilia.shtml>>. Acesso em: 04 de outubro de 2017.

do discurso inicial, pautando o apartidarismo, o MBL acabou lançando, na eleição de 2016, 45 candidatos em partidos diversos, alguns envolvidos em escândalos de corrupção.

Isso posto, é necessária a realização de mais pesquisas sobre o “novo” na atuação da direita no Brasil. A categoria “movimento sociais de direita” mostrou-se adequada para compreender a relação entre grupos de direita e o processo de impedimento de Rousseff, mas é imprescindível um maior esforço por parte dos estudiosos, dando a devida importância à força social e ao papel desempenhado pelo movimento de direita nos últimos anos no cenário nacional.

Referências

ALONSO, Angela. Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. **Novos Estudos CEBRAP**. Ed 107, v 1 – Edição Especial Dinâmica da Crise, Jun. 2017.

_____. Repertório, segundo Charles Tilly: História de um conceito. **Sociologia & Antropologia**. V.02.03: 21-41, 2012.

ARNALDO JABOR fala sobre novos protestos e ressalta força da juventude. **Globo Play**. 17 de junho de 2013. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2631566/<& 17/06/2013>> <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/videos/t/edicoes/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-novos-protestos-e-ressalta-forca-da-juventude/2640269/>>. Acesso em: 18 de julho de 2017.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTE, Sávio. **Classes médias e o modo de produção capitalista**: um estudo a partir do debate marxista. Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em Sociologia (Tese de Doutorado), 2012.

_____. Classe média e o conservadorismo liberal. In: CRUZ, S. V, KAYSEL, A, CODAS, G (ORG.) **Direita Volver**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2015.

CODATO, Adriano; BOLOGENSI, Bruno; ROEDER, Karoline M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: CRUZ, S. V, KAYSEL, A, CODAS, G (ORG.) **Direita Volver**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaios sobre neoliberalismo. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOHN, Maria da Glória. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Cad. CRH** [online]. 2014, vol.27, n.71, pp.431-441. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000200013>

HARDT, M; NEGRI, A. **Multidão**: Guerra e Democracia na Era do Império; trad. Clóvis Marques; 2a ed. Editora Record, 2012.

KREEP, Ana. MPL acusa onda conservadora e desiste de novas manifestações. **Folha de São Paulo**, 21 de jun de 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298903-mpl-suspende-novas-manifestacoes-em-sao-paulo.shtml>. >. Acesso em: 18 de julho de 2017.

MAIORIA dos paulistanos apoia manifestações na Paulista". **Datafolha**, 20 jun. 2013. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1298319-maioria-dos-paulistanos-apoia-manifestacoes-na-paulista.shtm>>. Acesso em: 18 de julho de 2017.

MALINI, Fábio. Não Vai ter Copa: a apropriação conservadora no Twitter. **BLOG DO MALINI**, 01/05/2016. Disponível em: <http://fabiomalini.com/artigos/nao-vai-ter-copa-a-apropriacao-conservadora-no-twitter/> Acesso em 24 de setembro de 2017.

MARTINS, C; CORDEIRO, L. Revolta popular: o limite da tática. In: Moraes, A et al (ORG). **Junho**: potência das ruas e das redes. Ed. Friedrich Ebert Stiftung, São Paulo, 2014.

MÉDICOS estrangeiros são recebidos com protestos de médicos do Ceará. **G1 CE**. 28 de ago de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/08/medicos-estrangeiros-sao-recebidos-com-protestos-com-medicos-do-ce.html>>. Acesso em: 26 de julho de 2017.

MELO, Débora. Câmara dos Deputados aprova arquivamento da 'cura gay'. **Notícias Uol**, 02 de set de 2013. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/07/02/camara-aprova-requerimento-de-autor-da-cura-gay-e-retira-proposta-da-pauta.htm>>. Acesso em: 26 de julho de 2017.

NEGRI, Marcelo. **A nova classe média**: o lado brilhante dos pobres. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

_____. O Futuro Social do Brasil: imaginado pelos brasileiros. **Revista Brasileira**. Fase 3, ano 2, nº 77, out-nov-dez de 2013.

NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento**: da abertura democrática ao Governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NUNES, Rodrigo. Liderança Distribuída. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 09, página 10 - 19, 2016.

ORTELLADO, Pablo et al. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

ORTELLADO, Pablo. Polêmico no MAM não é sobre arte e não é sobre pedofilia. **Folha de São Paulo**. 04 de setembro de 2018. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/10/1923624-polemica-no-mam-nao-e-sobre-arte-e-nao-e-sobre-pedofilia.shtml>>. Acesso em: 04 de outubro de 2017.

_____; SOLANO, Esther. Nova direita nas ruas?. **Dossiê: As direitas no Brasil**. Ed Perseu Abramo. Nº 11, Ano 7, 2016 – 169 – 180.

_____; SOLANO, Esther; MORETTO, Márcio. "Guerras culturais" e "populismo anti-petista" nas ruas de 2017. **Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil**, São Paulo, julho de 2017.

PESQUISA sobre os manifestantes pró e anti impeachment. **GPOPAI**. 12/04/2015. Disponível em: <<https://gpopai.usp.br/pesquisa/>>. Acesso em: 27 de maio de 2016.

ÍNDICE DE Confiança Social 2015. **IBOPE Inteligência**. Disponível em:

<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Documents/ics_brasil.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2016.

PINTO NETO, Moysés. Juventude em chamas: pessimismo, organização e utopia. **Revista Lugar Comum**. n.º 45 – 2015.2.

QUADROS, Vasconcelos. PEC 37 ganha às ruas, mas poucos sabem o que é. **Último Segundo**, 24 de jun de 2013. Disponível em:<<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-06-23/pec-37-ganha-as-ruas-mas-poucos-sabem-o-que-e.html>>. Acesso em: 26 de julho de 2017.

RENOVAÇÃO LIBERAL: a associação familiar para onde vai o dinheiro do MBL. **El País**. 30 de setembro de 2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506462642_201383.html>. Acesso 02 de outubro de 2017.

ROCHA, C. Direitas em rede: thinkthanks de direita na América Latina. In: Cruz, S. V, Kaysel, A, Cotas, G (ORG.) **Direita Volver**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2015.

SAFATLE, V. Política não se dará mais dentro dos partidos, mas nas ruas. **Folha de São Paulo**, 22/06/2013. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1299578-opinioao-politica-nao-se-dara-mais-dentro-dos-partidos-mas-nas-ruas.shtml>>. Acesso em: 25 de junho de 2016.

SCHERER-WARREN, Ilse. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. In: **Política e Sociedade**. Florianópolis, vol. 13, nº 28 – Set./Dez. de 2014.

SILVEIRA, Sérgio A. Direitas nas redes sociais online. In: Cruz, S. V, Kaysel, A, Cudas, G (ORG.) **Direita Volver: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2015.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

_____. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. In: **Novos Estudos CEBRAP**, nº. 97, São Paulo, Nov. 2013.

_____. Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo. **Revista Psicologia Social USP**. v. 26, nº 1, 2015a, p.7-14. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140012>

_____. Cutucando onças com varas curtas. In: **Novos Estudos Cebrap**, nº 102, São Paulo, jul. 2015b , p. 43-71.

SZTUTMAN, Renato. **O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens**. Editora: Edusp, São Paulo, 2012.

TATAGIBA, Luciana. “1984, 1992 e 2013: sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil”. **Política & Sociedade**, v.13, n.28, 2014, pp.35-62. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2014v13n28p35>

TATAGIBA, Luciana et al. Protesto à direita no Brasil (2017-2015). In: CRUZ, S. V, KAYSEL, A, CODAS, G (ORG.) **Direita Volver: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2015.

TILLY, Charles. “Invention, Diffusion, and Transformation of the Social Movement Repertoire”. In: **Identities, Boundaries, and Social Ties**. Londres: Paradigm, 2008.

_____. Movimentos Sociais como Política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 133-160.

TRIBOLI, Pierre. Câmara rejeita PEC 37; texto será arquivado. **Câmara dos Deputados**. 25 de jun de 2013. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/446071-CAMARA-REJEITA-PEC-37-TEXTO-SERA-ARQUIVADO.html>>. Acesso em 26/07/2017.
WRIGHT, E. O. *Classe, Crise e o Estado*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1981.

93% DOS PAULISTANOS querem redução da maioria penal. **Folha de São Paulo**. 17 de abr de 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/04/1263937-93-dos-paulistanos-querem-reducao-da-maioridade-penal.shtml>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

Recebido: 30/03/2018

Aceito: 06/08/2018

Publicado: 28/09/2018